

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

IV SEAD - SEMINÁRIO DE ESTUDOS EM ANÁLISE DO DISCURSO 1969-2009: Memória e história na/da Análise do Discurso

Porto Alegre, de 10 a 13 de novembro de 2009

LINGUÍSTICA E ENSINO: UM LUGAR DISCURSIVO DE ENTREMEIO

Mary Neiva Surdi da Luz

neivadaluz@gmail.com

Doutoranda em Letras

Orientadora: Profa. Dra. Amanda Eloína Scherer

Universidade Federal de Santa Maria (UFSM)/Universidade Comunitária da Região de Chapecó
(UNOCHAPECÓ)

Introdução

O trabalho que ora apresentamos constituiu parte de nossa tese de Doutorado em Letras, na área de Estudos Linguísticos, na Universidade Federal de Santa Maria sob orientação da Profa. Dra. Amanda Eloína Scherer. Em nosso trabalho de tese, intitulado “O lugar da Linguística e dos Linguistas na formação de professores de língua portuguesa”, discutimos o modo como se dá a constituição de um lugar institucionalizado para a ciência e para a disciplina de Linguística nos Cursos de Letras, e também como se constitui o lugar do Linguista na formação de professores de língua portuguesa, tendo como objeto de análise os documentos relativos à institucionalização do Curso de Letras da Unochapecó¹/SC, criado nos anos finais da década de 1980. Para tal, tomamos a análise de discurso (AD, doravante) de linha francesa, de orientação pecheutiana, como dispositivo teórico de interpretação. Para esta comunicação, apresentaremos as análises de ementários das disciplinas curriculares, relacionadas à Linguística e que compõem a matriz curricular do referido curso.

Referencial teórico

Para proceder ao trabalho analítico, mobilizamos a noção de formação discursiva (FD), tomada de Foucault por Pêcheux (1969, 1995), no aparato teórico mobilizado para compreendermos como se dá o aparecimento, deslocamento e dispersão dos diferentes domínios de saberes que constituem as diferentes FDs. Nas palavras de Pêcheux (1995, p. 160):

¹ A UNOCHAPECÓ (Universidade Comunitária Regional de Chapecó), credenciada pelo Parecer nº 347/2002/CEE/SC, Resolução nº158/2002/CEE/SC e pelo Decreto Estadual nº 5.571 do Governo do Estado de Santa Catarina, publicado no Diário Oficial do Estado em 28/08/2002, tem origem na cisão da Fundação Unoesc.

Chamaremos, então, de *formações discursivas* aquilo que, numa formação ideológica dada, isto é, a partir de uma posição numa conjuntura dada, determinada pelo estado de luta de classes, determina *o que pode e deve ser dito* (articulado sob a forma de uma arenga, de um sermão, de um panfleto, de uma exposição, de um programa, etc.).

Segundo Pêcheux (1995), ao se reconhecer que a FD é o lugar de constituição dos sentidos, é preciso também considerar que toda FD “dissimula, pela transparência do sentido que nela se constitui, sua dependência com respeito ao “todo complexo com dominante” das formações discursivas” (p. 162). O autor, então, propõe chamar de interdiscurso a esse “todo complexo com dominante” das FDs, esclarecendo que ele é também submetido à lei da desigualdade-contradição-subordinação. Para Courtine (1981), é a partir do interdiscurso que se dá a reconfiguração de uma FD, nessa reconfiguração, saberes que não fazem parte de uma FD, em um determinado momento, em um dado contexto, passam a fazer parte desta FD, e introduzem a diferença e a divergência, o que lhe garante o estatuto de heterogeneidade

Sobre a noção de lugar discursivo, Grigoletto (2005) afirma que os lugares discursivos são construídos pelo sujeito na sua relação com a história e a discursivização só é possível porque há uma determinação da formação social que institui determinados lugares, que podem e devem ser ocupados por sujeitos autorizados para tal.(p. 158). De acordo com a autora, o lugar social que o sujeito ocupa em uma dada formação social e ideológica, vai determinar seu lugar discursivo. Prossegue dizendo: “tanto o lugar discursivo é efeito do lugar social, quanto o lugar social não é construído senão pela prática discursiva” (p;158) e que “devemos tomar o lugar discursivo como um espaço constitutivamente heterogêneo, onde se materializam as diferentes imagens projetadas pelos interlocutores de um discurso.” (158) Desse modo, pensar a noção de lugar em uma perspectiva discursiva implica em não tomá-la em um sentido empírico e sim como efeito das práticas sociais e discursivas.

Para realizar este trabalho partimos da leitura de um *corpus* documental, constituído por materiais de arquivo, composto de documentos que registram a institucionalização do Curso de graduação em Letras, fundado nos anos finais da década de 80 do século XX, na Unochapecó. Antes de apresentarmos as análises é importante dizer que o Curso de Letras da Unochapecó teve início em 1990 e já no seu primeiro ano de funcionamento ocorreu uma alteração curricular. Em seguida, houve também a revisão das ementas dos componentes curriculares, assessorada por um Linguista teórico, vinculado à Unicamp, o Prof. Dr. João Wanderley Geraldi, e em 2003, em função da legislação educacional em vigor, houve nova alteração curricular e revisão de ementários. Desse modo, em nossa análise tratamos de três momentos do Curso de Letras: o primeiro, representado pelo Projeto de reconhecimento do Curso de Letras de 1992, o segundo, representado pelo Relatório de Avaliação para Reconhecimento do Curso de Letras, de 1993 e o terceiro, representado pelo Projeto Político Pedagógico em vigor e que data de 2003. Isso nos dá a possibilidade de analisar um intervalo temporal interessante: do primeiro para o segundo momento há um espaço de apenas um ano, no entanto, ele é

marcado pela intervenção de um sujeito linguista teórico que assessora a reformulação/revisão dos ementários curriculares; do segundo ao terceiro momento há um intervalo de uma década, marcada, especialmente pela revisão dos Projetos de Curso, extinção das habilitações duplas e adequação à legislação educacional em relação ao componente de prática de ensino.

Um movimento de análise: Linguística e ensino

Para iniciar as análises, faremos algumas observações acerca do funcionamento discursivo dos enunciados coordenativos, como o proposto em “Linguística e ensino”. Pêcheux (1981) aponta que o “e” em termos discursivos estabelece uma relação rica em consequências semânticas e que nos elementos coordenados pode-se ter um efeito de articulação intradiscursiva em que o interdiscurso se manifesta como fonte de evidências enunciadas. Orlandi (1997) complementa dizendo que “a coordenação funciona como uma espécie de elemento catalizador de diferentes discursos” (p. 37), no caso de nosso trabalho, os discursos da Linguística e os discursos do ensino de língua. Nas análises, objetivamos identificar como ocorre a catalização desses diferentes discursos na formação do professor de língua portuguesa e de como a partir desse movimento, tem-se a constituição de um lugar discursivo de entremeio.

Projeto de reconhecimento do Curso de Letras- 1992	Relatório de Avaliação para Reconhecimento do Curso de Letras 1993	Projeto Político Pedagógico em vigor- 2003
Linguística I- 2º período Linguagem e sociedade. Linguagem e cultura. Variação linguística: desenvolvimento, função e uso. A ciência linguística. Linguística. Língua e linguagem oral e escrita.	Linguística I- 2º período Origens da Linguagem através do processo semiótico. Noções de signos linguísticos. Língua e Linguística. Linguagem e o idioma Universal. Aplicações da Linguística. História na perspectiva filosófica. Linguística até o século XX.	Estudos linguísticos I - 1º Período Língua, Linguagem e Linguística Estudos pré-linguísticos. Visão inicial da Linguística: as dicotomias saussurianas. Noções básicas do estruturalismo linguístico: unidades mínimas e níveis de análise Linguística. Discussão das implicações do modelo estruturalista ao ensino de línguas com base nas experiências dos alunos
Linguística II - 3º PERÍODO Análise do discurso. O signo linguístico. A dupla de articulação. Fonética articulatória. Fonologia e morfologia. Fonologia: conceito. Análise fonológica. Morfologia: conceito. Tipos de unidades, morfemas e alomorfes. Prática de análise em fonologia e morfologia.	Linguística II- 3º PERÍODO Linguagem. Signo Linguístico. Características da linguagem. Linguagem e Ideologia. Linguagem e Poder. Linguística e o ensino da Língua materna.	Estudos Linguísticos II- 2º. período O gerativismo e seus representantes. Noções básicas do funcionalismo linguístico. Os paradigmas formal e funcional: conceitos básicos, métodos analíticos e análise das repercussões no ensino de línguas com base em memoriais descritivos
Linguística III A sociolinguística. A psicolinguística. Gramática Gerativa Transformacional: fundamentos, conceitos básicos e componentes.	Linguística III Noção do discurso. Conceito. Análise do discurso. Tipos de discurso. A heterogeneidade. O discurso. Os conetivos argumentativos. O discurso e o antidiscurso. Os conetivos argumentativos.	Sociolinguística Aspectos socioculturais da língua: língua como sistema heterogêneo. Significado social das formas variantes. Discussão da variação Linguística e ensino de língua através da análise documental de textos coletados nas escolas

QUADRO 1- Ementas dos componentes curriculares

Nesse quadro, apresentamos a ementas dos componentes curriculares de Linguística, que em 2003 sofre uma alteração em sua nomenclatura passando a Estudos Linguísticos. Dos conteúdos elencados nas disciplinas, destacamos:

SD 1: Língua e linguagem oral e escrita.

SD 2: Aplicações da Linguística

SD 3 : Linguística e o ensino da Língua materna

SD 4: Discussão das implicações do modelo estruturalista ao ensino de línguas com base nas experiências dos alunos

SD 5: Os paradigmas formal e funcional: conceitos básicos, métodos analíticos e análise das repercussões no ensino de línguas com base em memoriais descritivos

SD 6: Discussão da variação linguística e ensino de língua através da análise documental de textos coletados nas escolas

Em um olhar sincrônico, observamos que no primeiro momento do curso, em 1992, somente na SD1 *Língua e linguagem oral e escrita* uma possível relação entre a Linguística e o ensino, uma vez que a escrita, tradicionalmente, tem sido uma tarefa destinda à escola.

No segundo momento do curso, quando há o trabalho de assessoria de um linguista teórico, em 1993, observamos na SD 2: *Aplicações da Linguística* e na SD 3: *Linguística e o ensino da Língua materna*, não mais uma possibilidade de relação mas sim uma explicitação desta. Está na ordem do interdiscurso a noção de que uma das aplicações da Linguística é no ensino e tal relação é colocada em evidência na SD3, quando se colocam os saberes da Linguística e os saberes do ensino em uma relação de conjunção.

No terceiro momento do curso, em 2003, observamos um novo movimento na conjunção **Linguística e ensino**, marcado pela preocupação com o componente de prática, fruto da legislação em vigor que prevê 400 (quatrocentas) horas de prática como componente curricular, vivenciadas ao longo do curso. Nas SD 4; SD 5 e SD 6, as relações entre Linguística e ensino são postas em evidência, de tal modo que os saberes que anteriormente eram estudados vinculados ao domínio de saberes da Linguística teórica, passam a ser estudados em uma perspectiva que implica a conjunção de saberes como o ensino de língua.

Partindo na noção de deslocamento de fronteiras de uma FD elaborada em Courtine (1981) e da porosidade das FDs apontada por Ferreira (2007), em que a autora diz que as FDs são “dotadas de fronteiras bastante porosas que permitem a entrada de saberes que lhe eram alheios em um determinado momento.”, propomos pensar em um “movimento migratório de saberes” que dará origem a uma nova FD. Em nossa perspectiva, propomos que pelo deslocamento de saberes oriundos de duas FDs, uma que representa a Linguística Teórica e que regula o que pode e deve ser dito em dada situação e outra que representa o ensino de língua e que regula o que pode e deve ser dito sobre, tem-se a formulação de uma FD de entremeio: Linguística e ensino. Ao se identificar aos saberes que constituem essa FD de entremeio, o sujeito discursivo nela se inscreve e passa a ocupar um lugar discursivo também de entremeio.

Resultados

Pelas análises iniciais realizadas, observamos que a configuração dos conteúdos disciplinares, ou seja, a seleção dos saberes pedagogizados é marcada pelas condições de produção e pelos sujeitos. As condições de produção, tal como define Orlandi (2005, p. 30), compreendem os sujeitos e a situação, e em sentido amplo incluem o contexto sócio-histórico e ideológico. O contexto sócio-histórico em que são construídos o Projeto de reconhecimento do Curso de Letras e o Relatório de Avaliação para Reconhecimento do Curso de Letras são determinantes para que se compreendam suas

especificidades, uma vez que eles serão afetados pela constituição discurso da mudança no ensino de língua (PIETRI, 2003) que emerge nos anos finais da década de 70 e início da década de 80. Nessa época, tomam corpo entre os Linguistas e educadores os discursos sobre a necessidade de se repensar os rumos do ensino de língua materna e os discursos sobre o papel da Linguística nessa reformulação e dos caminhos que a Linguística viria a trilhar nacionalmente. E é após essa emergência que o curso se configura, sendo, pois, afetado e determinado por tal contexto ou, nos termos da AD, pelas condições de produção. Além disso, é também preciso considerar que tal curso é oferecido por uma instituição de caráter não-público, fundada na década de 1970 e com objetivos atentos à formação de mão de obra necessária ao desenvolvimento regional, incluindo-se aí os trabalhadores da educação que necessitavam da diplomação exigida pela legislação em vigor. Desse modo, quando analisamos os ementários curriculares das disciplinas de Linguística do Letras da Unochapecó, voltado à formação de professores, observamos a emergência de saberes que advêm de domínios de saberes diferentes, o que dá espaço para o funcionamento do heterogêneo. Esse movimento dá origem a uma FD intervalar, de entremeio, que se constitui como um novo espaço discursivo: o da Linguística teórica preocupada com o ensino.

Referências

- COURTINE, Jean-Jacques. **Análisis del discurso político** (el discurso comunista dirigido a los cristianos). Trad. de María del Carmen Saint-Pierre. **Langages**. Jun. 1981.
- CURSO DE LETRAS. **Projeto de Reconhecimento do Curso de Letras**, Unoesc- Chapecó/SC, Chapecó, 2006.
- _____. **Relatório de Avaliação para Reconhecimento do Curso de Letras**, Unoesc- Chapecó/SC, 1993.
- _____. **Projeto Político Pedagógico do Curso de Letras**, Unochapecó- Chapecó/SC, 2003.
- FERREIRA, Maria Cristina Leandro. Análise do discurso no Brasil: notas à sua história. In: FERNANDES, Cleudemar Alves e SANTOS, João Bôscio Cabral dos (orgs). **Percursos da análise do discurso no Brasil**. São Carlos: Editora Clara Luz, 2007.
- GRIGOLETTO, Evandra. **O discurso de Divulgação Científica**: um espaço discursivo intervalar. Tese (Doutorado em Letras). Instituto de Letras, UFRGS, Porto Alegre, 2005.
- ORLANDI, Eni. Um sentido positivo para o cidadão brasileiro. In: ORLANDI, Eni Puccinelli, LAJOLO, Marisa e IANNI, Octávio. **Sociedade e linguagem**. Campinas: EDUNICAMP, 1997.
- ORLANDI, Eni. **Análise do discurso**: princípios e procedimentos. São Paulo: Pontes, 2005.
- PÊCHEUX. Michel. L'énoncé: Enchassement, Articulation et Déliasion. In: **Colloque Matérialités discursives**. (Colloque dès 24, 25, 25 avril 1980). Lille: Presses Universitaire de Lille, 1981.
- _____. **Semântica e discurso**: uma crítica a afirmação do óbvio. Trad. Eni P. Orlandi. 2. ed. Campinas, SP: UNICAMP, 1995.

PIETRI, Emerson de. **A constituição do discurso da mudança do ensino de língua materna no Brasil**. 2003, 202f. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada) - Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas.